

## O Fórum Social Mundial 2011 em Dacar: um balanço

Eduardo Mancuso\*. In: **Carta maior: Análise & Opinião** | 20/02/2011

Entre outros temas, o FSM 2011 discutiu a crise estrutural do capitalismo global e seus efeitos catastróficos para o meio ambiente. Essa agenda alternativa passa pela realização do Fórum Social Temático em Porto Alegre, em janeiro de 2012, que já conta com o apoio do governo do Rio Grande do Sul e das prefeituras da capital e da região metropolitana.

*“Aqueles que pregavam o “fim da história” assistem hoje o movimento inevitável dessa história que acreditavam morta. É o que se vê na América do Sul, na África, mas sobretudo nas ruas de Túnis e do Cairo e de tantas outras cidades africanas onde renasce a esperança de um mundo novo.”* (Lula, 7 de fevereiro, FSM 2011 -Dacar)

Assim como a alvorada do novo século surgiu em Porto Alegre (resgatando as lutas de Chiapas e Seattle) em janeiro de 2001, com o Fórum Social Mundial, a segunda década do século começa com o terremoto político e social produzido pelo levante das massas árabes por democracia, liberdade e melhores condições de vida na África do Norte e no Oriente Médio. A volta do FSM em 2011 ao continente africano, em Dacar, Senegal, reuniu mais de 50 mil ativistas de 120 países e foi do início ao fim – da Marcha de Abertura com dezenas de milhares de participantes na tarde do dia 6 de fevereiro, até a Assembléia das Assembléias encerrando as atividades no dia 11 com o relato das mais de trinta assembléias autogestionárias – uma grande celebração pela derrubada do ditador tunisiano Bem Ali, e pelo anúncio da queda do “faraó” egípcio Mubarak, aliado estratégico dos EUA e de Israel.

A convergência entre as revoluções populares na região, a dinâmica política das forças progressistas e dos movimentos sociais esteve presente desde a abertura do FSM 2011 em Dacar. Um momento emblemático ocorreu após a chegada da marcha de abertura na Universidade do Senegal (onde foi montada a Casa Brasil, espaço que permitiu intercâmbio entre a grande delegação brasileira e os demais participantes no FSM) , quando o presidente boliviano Evo Morales e o ministro Gilberto Carvalho, representante oficial da presidenta Dilma Rouseff, saudaram os ativistas e movimentos presentes. Outro exemplo se deu no segundo dia, com o debate que reuniu Lula e o presidente Wade, quando as justas vaias ao dirigente senegalês que governa o país há mais de dez anos foram seguidas pela aclamação ao presidente de honra do Partido dos Trabalhadores.

Uma das principais características do FSM foi a de sempre estar marcado pela tensão política, democrática e muito produtiva, entre “a dinâmica global e a local, entre ONGs e movimentos sociais, entre institucionalização e autogestão”. Dacar 2011 mostrou a todos e todas que é exatamente essa relação dialética que pode apontar para uma estratégia comum, inovadora e potente, para enfrentarmos a crise estrutural da globalização capitalista. Como escreveu acertadamente Emir Sader: “o Fórum de Dacar foi um avanço na superação das barreiras artificiais entre forças sociais e forças políticas, entre resistência e construção de alternativas.”

Mesmo a desorganização do evento, agravada pela manutenção das aulas na Universidade (a nova direção da instituição não honrou os acordos anteriores com o comitê organizador do FSM),

não impediu que centenas de redes, organizações e movimentos sociais realizassem dezenas de encontros e assembléias autogestionárias muito valiosas politicamente, no espaço do FSM ou fora, em hotéis de Dacar e até na histórica e tristemente famosa Ilha de Gorée (de onde partiram milhões de africanos escravizados para as Américas). Da periferia de Dacar, onde o prefeito socialista de Pikine recebeu mais de 1000 autoridades locais do Senegal e de todo o mundo articulada pela Rede de Cidades de Periferias (FAL-P); ou na própria capital, onde o igualmente socialista prefeito Khalifa Sall foi o anfitrião do Fórum de Autoridades Locais pela Inclusão Social e pela Democracia Participativa, surgido junto com o primeiro FSM de Porto Alegre, que contou com a presença de prefeitos petistas e com a sempre lúcida contribuição de Boaventura de Sousa Santos (além de obrigar o presidente do país a se fazer presente na cerimônia de abertura, que já tinha confirmada a participação de ministros do governo do Brasil); e também da segunda assembléia da Plataforma Internacional de Orçamentos Participativos, que reuniu as redes africanas com as do Brasil e da Colômbia, do México, da República Dominicana, da Espanha, de Portugal e da Itália, que contabilizam atualmente 1400 processos de OP no mundo.

Outro exemplo estimulante foi a Assembléia Mundial dos Habitantes, que reuniu representantes de movimentos de 70 países, na luta contra os despejos e pela construção de políticas habitacionais dignas para a população ameaçada pela especulação imobiliária. Assim como o Seminário “A busca de paradigmas de civilização e a agenda de transformação social”, organizado pelo GRAP (Grupo de Reflexão e Apoio ao Processo FSM), patrocinado pela Petrobrás, que reuniu vários integrantes do Conselho Internacional e se debruçou na sessão final sobre o “Mapa das próximas lutas: COP 17, Rio+20 e subseqüentes...”. Discutiu-se a agenda dos processos em curso diante da crise sistêmica e estrutural do capitalismo global e seus efeitos catastróficos para o meio-ambiente, assim como a construção de coalizões em torno da definição de novos horizontes para a cidadania planetária em resposta às propostas da Cúpula do Rio de Janeiro marcada para maio de 2012. Essa agenda alternativa passa pela realização do Fórum Social Temático em Porto Alegre, em janeiro próximo, que já conta com o apoio do governo do Estado do Rio Grande do Sul e das prefeituras da capital e da região metropolitana, preparando as propostas e a intervenção dos movimentos e das redes na Conferência Rio+20 em maio do ano que vem.

O encerramento do FSM 2011 de Dacar foi marcado pela Assembléia das Assembléias celebrando a vitória popular no Egito, após a renúncia de Mubarak, confirmada durante a atividade, e permitiu às várias plenárias autogestionárias relatarem suas agendas, propostas e iniciativas. O calendário de lutas destaca as mobilizações contra o G-20 na França em maio; a data de 20 de março como dia mundial de solidariedade ao levante do povo árabe e africano; a Jornada Global sobre a Palestina também no final de março; o Fórum Social na Tunísia; as ações do movimento ambientalista em paralelo à Cúpula Rio+20; a Conferência Internacional sobre o impacto da invasão norte-americana no Iraque em outubro, entre muitas outras atividades.

O debate sobre o FSM 2013 foi aberto na reunião do Conselho Mundial que sucedeu o FSM de Dacar. Foram apresentadas as candidaturas de Montreal pelas centrais sindicais canadenses, e de Porto Alegre pelo comitê gaúcho que organizou em 2010 o FSM 10 anos Grande Porto Alegre, com forte apoio institucional (do governo do Estado do Rio Grande do Sul, da Assembléia Legislativa, da Prefeitura e da Câmara de Vereadores da capital e de prefeituras do PT da região metropolitana). Também foi apresentada proposta de realizar pela primeira vez o FSM na Europa, mas ainda sem uma cidade ou região definida. A decisão sobre 2013 ficou para ser tomada na reunião do Conselho Internacional em Paris, no final de maio.

\* Membro da Rede do Fórum de Autoridades Locais pela Inclusão Social e a Democracia.

## O Fórum Mundial de Teologia da Libertação - FMTL

### Relato

#### Anete Roese

A primeira manhã em Dakar. As primeiras imagens de Dakar foram as das ruas do centro da cidade, vendo o povo, gente tão alta, tão negra, tão esbelta, tão elegantemente vestida – os homens com suas túnicas longas tão coloridas e ainda enfeitados de lenços combinados, e as mulheres, com seus vestidos e cabeças adornadas de tal modo lindo e casual, que me senti vestida de mal gosto com meus jeans cotidianos.

Andamos um pouco e logo estávamos no limite da cidade com o mar, e o pensamento fez a síntese entre os navios carregados de gente arrancada daquele exato lugar, dos pais, das mães, das meninas, dos meninos separadas das famílias. As pessoas que eu via ali eram descendentes daquelas gerações e guardavam na memória e no corpo o sofrimento de sua história.

No dia seguinte saímos desavisadas de casa como quem não sabe que está em terra estrangeira. Era sexta-feira e dia da oração principal do povo muçulmano. As ruas estavam tomadas de homens curvados em oração. Os alto-falantes das Mesquitas ecoavam cânticos e orações. O trânsito estava parado e tudo o mais era silêncio. Esperamos o final da oração para poder seguir caminho.

Dois dias depois aconteceu a visita à ilha de Goree, de onde foram embarcadas 15-20 milhões de pessoas – segundo o nosso guia – descendente desta história, de cujo número e relato um historiador branco discordava veementemente no ato, como a dizer, ainda e inacreditavelmente, que a versão e a história dos brancos sabe melhor dos fatos. Foi um episódio, um lapso e uma imagem que, em segundos, aproximaram duas versões da história que se estendia até naquele ‘agora’.

Sons, cantos e tambores da África abriram o FMTL no dia 05 de fevereiro.

Ao contrário do FMTL de Belém, há dois anos – que contou com mais de 1000 participantes, em Dakar participaram em torno de 120 pessoas.

O primeiro painel do Fórum tinha como tema ‘Bens comuns universais no horizonte das tradições religiosas’. Tomou a “Declaração do Bem comum da Terra e da Humanidade como objeto de um diálogo interreligioso, explorando aspectos relevantes de diferentes tradições religiosas em relação ao apelo central da declaração por uma unidade ecológica, ética e espiritual, entre Terra e humanidade, natureza e cultura, vida e espírito”.

Mercy Amba Odoyoye, de Ghana, participante deste painel nos acolheu dizendo: “Bem vindos ao lugar de origem da humanidade”. Em sua fala lembrou que ainda nos resulta difícil acreditar que Deus está na África. E afirmou: “Deus já esteve aqui antes dos cristãos, dos muçulmanos, antes dos seres humanos”. Falou da relação entre religião e África – “ou tem religião na África ou não tem África”, da importância e da função positiva dos tabus. Se referiu à imagem e ao modelo de divindade que construímos: “ – dizemos às pessoas que devem ser compassivas... ora, as divindades não são assim!”. Juan José Tamayo, da Espanha, falou da importância de ativar as tradições pacificadoras, e criticou a religião cristã que em sua história se preocupou mais com o a

morte, o depois da morte e com o antes do nascimento, enquanto deveria ter direcionado sua preocupação para os que tem a vida ameaçada diariamente.

Contextualização e desafios da teologia contemporânea era o tema do segundo painel do dia. Se propôs a delinear elementos 'pré-teológicos' (ver) em cada contexto no qual a reflexão teológica se situa, identificando e analisando aqueles elementos em torno dos quais se está ou se deveria estar desenvolvendo este discurso/conhecimento. A pergunta que se colocava era sobre quais questões e condições de ordem social, cultural e religiosa estão sendo colocadas nos diferentes contextos e que estão provocando, desafiando, problematizando e promovendo a reflexão teológica hoje, e como a teologia se posiciona diante destas questões.

Para Diego Irarrazaval, do Chile, o cristianismo é cada vez menos algo de igrejas e cada vez mais algo de vivências. O relacional, a reciprocidade e não o dogmático é o central nas teologias originais, segundo Diego. Talvez um dos paradigmas nos quais estejamos ingressando, acrescenta, seja o paradigma relacional, o que inevitavelmente nos revelará que o centro não é somente a tradição cristã, são muitas tradições que compõem este centro.

Entre os temas debatidos em várias oficinas do FMTL inseridas no Fórum Social Mundial estavam as situações de sofrimento no continente africano, em especial o caso do HIV/AIDS, com representantes do Quênia e da Nigéria. Neste debate se chamou a atenção para a importância da espiritualidade proposta pelas teologias da libertação. As heranças religiosas africanas e a religiosidade autóctone senegalesa foi o tema abordado pelo professor senegalês Alain P. Kaly em outra oficina, onde falou das heranças religiosas dos antepassados, de como o mundo espiritual e a presença dos espíritos dos antepassados guia e determina a vida dos descendentes. Sabedoria dos povos e ética mundial, oficina apresentada por representantes do México, dos Estados Unidos, da Bolívia e do Brasil enfocou em seu debate as dificuldades do diálogo intercultural e interreligioso no contexto dos esforços para levar a palavra teológica dos povos originários de Abyayala, América Latina e América do Norte, para dentro das igrejas cristãs e ao debate teológico amplo.

Religiões e Paz e a pergunta sobre que teologia nós precisamos para tornar possível uma aliança entre civilizações e religiões para o bem comum da humanidade e a vida no planeta, foi o tema de outra oficina com representantes do Senegal, da Índia, do Panamá, Canadá e da República Dominicana. Outra oficina, com representantes de Espanha e Brasil, tratou do Diálogo entre fé e justiça, desde o lema de um 'outro mundo possível e necessário', mediante a sensibilização e reflexão sobre as causas estruturais das injustiças. Comunidades Eclesiais de Base e teologias da libertação foi tema da oficina que enfocava o novo modo de vida e o modo de celebrar e transmitir a fé destas comunidades. Ademais, aportava sobre os avanços dos últimos 20 anos e sobre os desafios existentes. Uma oficina com representantes do Chile e do Senegal aportou o tema da crise civilizacional, alternativas e espiritualidade. A proposta da oficina com representantes da Itália, Alemanha e Panamá abriu um diálogo sobre perspectivas internacionais e atividades para o contexto do aniversário do Vaticano II no horizonte das teologias da libertação.

Feminismo e educação para a libertação das mulheres e as mudanças no campo teológico para o século XXI foi o tema da oficina com representantes do Brasil, Estados Unidos, Senegal e Marrocos. As falas tocaram na questão da justiça de gênero e nas alternativas à violência e à religião cristã patriarcal protagonizadas por comunidades lideradas por mulheres. A Rede *Afrique-Europe-Interact* propôs uma oficina, com representantes dos dois continentes, com o tema sobre a liberdade de movimento e desenvolvimento justo. Neste plano, trouxe o debate em pauta na União Européia que contempla tanto a questão das suas raízes humanitárias e cristãs, quanto sua

política, responsável pela exploração neocolonial na África e pelo regime de migração que leva à morte de milhares de migrantes que buscam uma vida melhor na Europa. A pergunta que foi trazida para este debate é sobre que mudanças emergem destas questões para as comunidades religiosas.

Por fim, a oficina sob o tema da “crítica do espírito do capitalismo global e os direitos sociais globais”, com representantes dos EUA, México, Caribe e Brasil, questionou sobre o aspecto mítico-religioso que move a globalização capitalista, e fez a crítica ao aspecto militarista e belicista do capitalismo. Tratou da necessidade de intervenção de agentes sociais e religiosos nos processos de transformação de conflitos e a construção da paz.

O painel que fechou o FMTL se ocupou com o *Futuro para uma teologia em perspectiva de libertação*. A intenção era identificar tarefas e linguagens adequadas para uma teologia relevante nos próximos anos. Perguntou sobre as novas linguagens, categorias e epistemologias que emergem e tarefas que o FSM sinaliza para a reflexão teológica herdeira das teologias da libertação e novos insights e ensaios que podem ser indicadores para a elaboração teológica dos próximos anos.

Se constatou que tomar em conta em linguagens e tarefas que o FSM sinaliza para a reflexão teológica ficou difícil em vista da dificuldade que foi a nossa interação com o FSM. Dificuldade que se criou em vista dos imprevistos que aconteceram na logística do próprio FSM, atrasos na publicação da programação e o calendário do FMTL que seguia sua própria lógica ao lado e nos mesmos dias do FSM, apresentando oficinas que envolviam e comprometiam participantes do FMTL.

A falta da presença de representantes do Senegal que falariam em nome de outras tradições religiosas, tanto muçulmanas, como protestantes e outras tradições religiosas locais foi muito sentida. Havia falhas de comunicação e, ao que nas entrelinhas e intervalos soava, a falta de interesse não estava tanto ou somente do lado deles, mas também, ou sobretudo (?) do lado de poderes cristãos que não estavam tão verdadeiramente interessados na presença de outras tradições religiosas para dividir um espaço tão interessante.

De todo modo, o contexto no qual estávamos inseridos nos impunha *ver* que há pontos de vista, espiritualidades, teologias e contextos que *ainda* não estão verdadeiramente incorporados e reconhecidos pela “Teologia da Libertação”. Haja vista que estávamos em continente africano e não conseguimos fazer do FMTL um fórum para *ver*, ouvir e fazer teologia negra da libertação. Esta, no entanto, talvez seja a denúncia que o contexto nos impôs. Há que se ir devagar com a idéia de uma Teologia planetária lembrou um dos participantes na avaliação final, cuidando para não impor novamente uma única teologia para todo o planeta, como ocorreu com as tradições ocidentais.

É certo que o diálogo com afrodescendentes e sua teologia se impôs a partir deste Fórum. A experiência em Dakar nos acusa de ainda não haver articulação teológica para fazer teologia desde a experiência e a realidade afrodescendente. Estivemos na África e não conseguimos dialogar efetivamente com a teologia deste continente. Mesmo tendo ido à ilha de Goree não aprofundamos, ou sequer tomamos tempo para que aquela experiência nos levasse a um fazer teológico que confrontasse nossa teologia já estabelecida. Estas questões fizeram parte das falas da avaliação final. Se a Teologia da Libertação continuar a não *ver* e a silenciar sobre estas realidades e teologias feitas por grupos historicamente excluídos talvez o FMTL não seja o lugar onde a teologia se movimenta em direção à libertação da teologia, em direção aos movimentos

sociais e às realidades e contextos múltiplos de onde supostamente a TdL quer tirar o substrato de seu fazer teológico.

Foi pontuada a importância de no futuro, nos próximos Fóruns, tomar em conta as novas linhas de TdL, experiências e teologias contextuais de libertação, mostrar os *processos* onde já acontece a libertação e acompanhar experiências de libertação. É necessário pensar sobre a atual desconexão da Teologia da Libertação com o movimento social e os movimentos de libertação no interior das próprias igrejas e religiões? O atual momento nos sinaliza a necessidade do reconhecimento das teologias locais, partindo da experiência local e específica a fim de fazer a teologia ter sentido novamente, teologia que se deixe interpelar pelos contextos diversos, teologia que escuta primeiro e que se deixa afetar pelos clamores que vem das diferentes experiências, experiências incorporadas e não supostas.

Na Soter criamos um espaço para continuação das reflexões sobre Teologia da Libertação. Um dos Gts do Congresso da Soter 2011 terá como tema Teologias da Libertação. Neste Gt participantes do FMTL trarão os ecos do FMTL, a fim de dinamizar e atualizar o debate sobre as TdLs no atual contexto.

Anete Roese